

## AUTOGESTÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE COLETIVA: O CASO DAS OFICINAS DE GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA DO RETRATE EM PELOTAS (RS)

**VÖLZ, Pâmela Moraes**<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em Ciências Sociais – Bolsista CAPES do PPGCS/UFPEL – pammi@ibest.com.br

SOTO, William Héctor Gómez<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Orientador. Professor do Instituto de Sociologia e Política da UFPEL - william.hector@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

Com o presente estudo, buscar-se-á contribuir com os debates e práticas em torno do Movimento Antimanicomial na esfera das políticas públicas, analisando como se estabelece o processo de construção da identidade coletiva – em um cotidiano de reinserção social – através do trabalho autogestionário nas oficinas de geração de trabalho e renda do RETRATE (Reabilitação, Trabalho e Arte).

O RETRATE é uma oficina de geração de trabalho e renda vinculada à Coordenação de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas, a qual é composta por usuários que já receberam alta dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Fundado em 2005, é um entre as centenas de grupos de inserção social na dimensão do trabalho, no campo da saúde mental, que, articulado à economia solidária, por meio do trabalho autogestionário, visa à reabilitação psicossocial e econômica de pessoas portadoras de transtornos mentais decorrentes ou não do uso de álcool e outras drogas. As atividades nas oficinas se constituem em: reciclagem de papel, costura e pintura em tela.

Baseadas nos princípios da economia solidária<sup>1</sup> - em especial na autogestão - tais oficinas possuem um modo de operação que não condiz com a lógica capitalista. Nessa perspectiva, seus objetivos vão muito além da questão econômica e da reinserção pelo trabalho, pois visam à formação de sujeitos críticos e propositivos, oportunizando o exercício político e a cidadania ativa.

Especificamente sobre esta interação, Singer diz que “[...] a economia solidária e o movimento antimanicomial nascem da mesma matriz – a luta contra a exclusão social e econômica [...]” (2005, p.11), já Berger e Luckmann sustentam que a identidade coletiva deve ser entendida como uma construção social, pois deriva da dialética que se estabelece entre o indivíduo e a sociedade, sendo “*formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, pode ser mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais*” (1990, p. 228).

Nesse debate, a hipótese levantada é a de que embora a tomada de consciência implicada nesse processo seja em grande parte pessoal, o trabalho autogestionário e a busca por uma transformação pessoal e social dentro das oficinas de geração de trabalho e renda do RETRATE de fato modifica os usuários

---

<sup>1</sup> A economia solidária é definida pelo Sistema Nacional de Informação em Economia Solidária (SIES), como um “conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária” (BRASIL, 2006, apud MARTINS, 2009, p. 118). Vale destacar também que a economia solidária, ao resgatar os ideais de solidariedade, autogestão e cooperação, representa “um projeto político, norteado por ideais de cidadania” (MARTINS, 2009, p. 34).

nela envolvidos, e, portanto, as identidades construídas coletivamente a partir desta experiência subjetiva no contexto social. Sendo assim, as mesmas acabam por refletir tanto a coesão do grupo, como também, o modo como os usuários percebem os problemas apresentados pelo cenário sócio-político e econômico da sua realidade.

## **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

A metodologia a ser empregada é a observação etnográfica - a qual possibilitará uma interlocução direta de instrumentos técnicos com os sujeitos da pesquisa no dia-a-dia de trabalho dos mesmos dentro das oficinas -, na realização de entrevistas individuais semi-estruturadas, e na revisão teórica específica sobre o tema.

Vale destacar que a revisão teórica – que, neste momento, se encontra em processo de desenvolvimento – apóia-se em um trabalho anteriormente realizado pela pesquisadora, junto às oficinas de geração de trabalho e renda do RETRATE. A proposta teórica está embasada nas seguintes dimensões: no contexto histórico; na articulação entre o campo da economia solidária e o campo da saúde mental – no âmbito das políticas públicas; e no estudo sobre a construção da identidade coletiva.

Num segundo momento, será elaborado um diário de campo, através de visitas esporádicas ao grupo (de um dia inteiro) e da imersão durante uma semana ou mais no cotidiano de trabalho desses. Entrevistas individuais semi-estruturadas também serão realizadas, tanto com os usuários do RETRATE, como também com as coordenadoras das oficinas, de modo a confrontá-las com o referencial teórico obtido.

Ao final, confrontar-se-ão os resultados obtidos com o objetivo de compreender como a construção da identidade coletiva se estabelece neste cotidiano de reinserção social por intermédio de um método de trabalho autogestionário. Ademais, espera-se realizar atividades coletivas de reflexão, onde os resultados poderão ser analisados, construídos e criticados; bem como projetos específicos de investigação e intervenção poderão ser propostos, elaborados e construídos em comum acordo ao longo do processo, segundo os interesses do próprio grupo de usuários do RETRATE, assim como da comunidade acadêmica.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Primeiramente, é necessário mencionar que existem hoje cerca de 350 experiências de inclusão social pelo trabalho de portadores de transtornos mentais, decorrentes ou não do uso do álcool e outras drogas, mapeadas no Brasil. Esse cenário, marcado pela articulação entre o campo da saúde mental e o campo da economia solidária, é o resultado da parceria instituída entre a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego e a Coordenação Nacional de Saúde Mental do Ministério da Saúde. A proposta é a consolidação de políticas públicas, bem como a reabilitação psicossocial e a reinserção social de pessoas em situação de desvantagem por sua condição mental por meio do trabalho solidário e autogestionário no modelo cooperativista. A criação de grupos de autogestão e geração de trabalho e renda está diretamente relacionada à aproximação entre os dois ministérios.

Castells se destaca na compreensão da problemática em comento ao definir a “identidade de resistência” como aquela

criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade [...] (1999, p. 24).

De acordo com tal definição, o autor propõe uma forma de construção social da sociedade contemporânea que reflete, num primeiro momento, todo o histórico de luta em torno do redirecionamento da assistência psiquiátrica no Brasil, este caracterizado pelo Movimento Antimanicomial; num segundo momento, representa a nova identidade construída pelos usuários da saúde mental, que, a partir da autogestão e das oficinas de geração de trabalho e renda, buscam resistir e ressignificar o seu papel dentro do sistema competitivo capitalista.

A questão importante a se destacar é que embora o estudo adquira um caráter teórico inicial, a escolha pela temática em torno da construção da identidade coletiva, dentro de um ambiente autogestionário e que atende usuários da saúde mental, se justifica em virtude do país já disponibilizar uma série de instrumentos legais e institucionais que tratam da inclusão social pelo trabalho, bem como pelo fato de que a economia solidária - no contexto contemporâneo - mostra-se como uma nova opção dentro do sistema capitalista.

Diante deste contexto, a construção da identidade coletiva se mostra fundamentada em torno de questões como: socialização, interação, reconhecimento e resistência, representando uma experiência complexa e subjetiva que exige a transformação do sistema de valores e de crenças dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, o sujeito contemporâneo, ao se apresentar “*conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente*” (HALL, 2001, p.12), mas que “*assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente*” (idem) reflete inclusive uma ambiguidade, a qual está sempre presente nos estudos sobre identidade.

#### 4 CONCLUSÕES

É necessário enfatizar que este trabalho não está concluído, apenas inicia o estudo acerca da autogestão e da construção da identidade coletiva nas oficinas de geração de trabalho e renda do RETRATE; adquirindo caráter introdutório e inaugural. É importante destacar que numa sociedade onde a pobreza, a exclusão e as desigualdades ameaçam a constituição da “cidadania”, refletir sobre o modo como esses sujeitos – usuários das oficinas – vivem e experienciam tal realidade – descrevendo e definindo seus modos de “pensar”, “agir” e “ser”, enquanto sujeitos e enquanto grupo – pode contribuir, tanto para dar mais visibilidade ao debate em torno das políticas públicas da saúde mental, como para auxiliar estudos posteriores que terão como objeto as oficinas de geração de trabalho e renda, em especial a de Pelotas.

Nesse processo, é necessário considerar que cada grupo tem sua história, sua dinâmica e sua subjetividade, mas principalmente, que os usuários das oficinas de geração de trabalho e renda do RETRATE, devido a sua condição de desvantagem social e mental, são excluídos duas vezes: primeiro por necessitarem de reabilitação econômica, e segundo por necessitarem de reabilitação social.

Sendo assim, embora a temática em torno da economia solidária e da construção da identidade coletiva venha ganhando cada vez mais destaque no

campo das Ciências Sociais, sendo tratada com muita propriedade pelas diferentes perspectivas teóricas, não se pode deixar de considerar que as mesmas ainda se mostram complexas e desafiadoras no contexto das sociedades contemporâneas.

## 5 REFERÊNCIAS

BASTOS, F.; GIGANTE, M.; VÖLZ, P.. Economia solidária e saúde mental: as práticas da INTECOOP Pelotas junto às Oficinas de Geração de Trabalho e Renda. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES LATINO-AMERICANOS DE COOPERATIVISMO, 5., São Paulo: Ribeirão Preto, 2008.

BERGER, P.; L. LUCKMANN, T.. **A construção social da realidade**. 8ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

SINGER, P. In: **Saúde Mental e Economia Solidária**. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. DEPARTAMENTO DE AÇÕES PROGRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS. Saúde Mental e economia solidária: inclusão social pelo trabalho. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. - Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005.

CASTELLS, M.. **O poder da identidade**. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERRAZ, D.; DIAS, P.. **Discutindo Autogestão**: um diálogo entre os pensamentos clássicos e contemporâneos e as influências nas práticas autogestionárias da economia popular solidária. O&S - v.15 - n.46 - Julho/Setembro - 2008.

GALINDO, W.. **A Construção da Identidade Profissional Docente**. Psicologia Ciência e Profissão, 2004, 24 (2), 14-23.

HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARTINS, R. C. A.. **Cooperativas Sociais no Brasil**: Debates e práticas na tecitura de um campo em construção. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília.